

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS: ERA UMA VEZ... O WESTERN
4 e 7 de Janeiro de 2025

MY DARLING CLEMENTINE / 1946

(*A Paixão dos Fortes*)

um filme de John Ford

Realização: John Ford / **Argumento:** Samuel G. Engel e Winston Miller, a partir de uma novela de Sam Hellmann baseada no livro "Wyatt Earp Frontier Marshall" de Stuart N. Lake / **Fotografia:** Joseph P. MacDonald / **Direcção Artística:** James Basevi e Lyle R. Wheeler / **Décors:** Thomas Little e Fred J. Rode / **Guarda-Roupa:** René Hubert / **Música:** Cyril J. Mockridge / **Montagem:** Dorothy Spencer / **Interpretação:** Henry Fonda (Wyatt Earp), Linda Darnell (Chihuahua), Victor Mature ("Doc" John Holliday), Walter Brennan (o velho Clanton), Tim Holt (Virgil Earp), Ward Bond (Morgan Earp), Cathy Downs (Clementine Carter), Alan Mowbray (Granville Thorndyke), John Ireland (Billy Clanton), Grant Withers (Ike Clanton), Don Garner (James Earp), Mickey Simpson (Sam Clanton), Fred Libby (Phil Clanton), Roy Roberts (o "Mayor"), Jane Darwell (Kate Nelson), Russell Simpson (John Simpson), Francis Ford (Dod, o velho soldado), J. Farrell McDonald (Mac, o "barman"), etc.

Produção: Samuel G. Engel para a 20th Century Fox / **Distribuição em Portugal:** Atalanta Filmes / **Cópia:** DCP, preto e branco, legendado eletronicamente em português, 97 minutos / **Estreia Mundial:** 7 de Novembro de 1946 / **Estreia em Portugal:** Capitólio, a 27 de Abril de 1948 / Reposição comercial no Cinema Ávila, a 3 de Novembro de 1998.

John Ford regressou a Hollywood, no fim da guerra com um *western*. O seu primeiro *western* depois de **Stagecoach**, (e já sete anos haviam decorrido), o seu segundo *western* na paisagem emblemática de Monument Valley.

Em várias declarações contemporâneas, Ford exprimiu a intenção de se "lavar" da guerra com um regresso às origens, que simultaneamente reflectisse muito do que fora a sua experiência no conflito mundial. "*The West was my peacetime nostalgia*", teria dito.

Essa nostalgia teria sido porventura mais assinalada no primeiro projecto em que trabalhou: um *remake* de um *western* de 1919 - **The Last Outlaw** - com o seu velho *cowboy* Harry Carey no protagonista. Seria a história de um ex-condenado que regressa a casa para descobrir que os valores da sua família e da sua pequena cidade tinham inteiramente mudado. Ninguém quis financiar o filme, em parte devido à avançada idade de Carey, actor já completamente desconhecido das novas gerações. E a Fox propôs-lhe em contrapartida a velha história do lendário xerife Wyatt Earp em Tombstone, que já estivera na base de muitos filmes e haveria de estar na de muitos mais, segundo o livro de Stuart N. Lake que Allan Dwan tinha adaptado em 1939, sob o título **Frontier Marshall**. Ford, que ainda tinha conhecido Wyatt Earp, baseou-se, segundo disse a Bogdanovich, nas recordações ouvidas da boca do xerife, "*entre duas chávenas de café*" quando era muito novo. "*E o que eu contei no filme foi exactamente o que ele me contou. Os homens do duelo de O.K. Corral não se limitaram a atravessar uma rua e a desatar aos tiros. O que realmente se passou foi uma inteligente manobra militar*".

Lindsay Anderson, na sua obra sobre Ford, conta que um dia, o realizador, perante a sacrossanta pergunta, de qual o seu filme predilecto, teria invocado para os jornalistas alguns títulos. Mas, quando todos se foram embora, virou-se para Anderson e disse-lhe: "*Ouçã, o meu favorito, mesmo, é **My Darling Clementine**. Mas nunca o diga a ninguém*".

Verdade ou não, o que é certo é que Ford se dedicou de alma e coração a este projecto que não foi imediatamente reconhecido como o clássico do género que inegavelmente é. Sobretudo na Europa, quando foi estreado, as modas eram muito pouco favoráveis (em tempo de existencialismos e neo-realismos) a John Ford. Quase toda a crítica europeia falou do esquematismo dos personagens, da divisão entre "bons" e "maus", considerando a obra como um produto espúrio e anacrónico de um género "que já não podia ser abordado assim". Sobretudo, tendo **My Darling Clementine** como fulcro o famoso duelo de O.K. Corral, de que se conhecia a história política (momento da substituição do poder dos velhos senhores do gado pela nova gente ligada aos transportes e às indústrias extractivas) não se perdoou que Ford tivesse escamoteado esse fundo social, transformando o famoso episódio numa história de ódio de sangue, ou de luta de um puro contra forças maléficas.

Hoje parece-nos precisamente o contrário. **My Darling Clementine**, no seu assombroso classicismo, é um dos momentos mais altos do mito do Oeste americano, com o profundo enraizamento dos homens na terra e nos grandes espaços e com a poesia suprema em que o muito complexo emerge, como sempre sucede nas grandes sagas, do mais simples e linear. Evidentemente, o filme que vamos ver nada tem de "desmistificador" e separa-se claramente do chamado "*western psicológico*" tão em voga na década seguinte. Mas como pedir desmistificação a um homem que acreditava no mito e sobretudo no mito do homem livre, independente e visceralmente íntegro, a que, para sempre, na obra de Ford, o rosto de Fonda - em *westerns* ou não - ficou ligado?

Mas nem parece justo dizer-se que **My Darling Clementine** seja um filme sobre O.K. Corral. É um filme sobre Wyatt Earp - Henry Fonda. o homem que, como o *last outlaw* do projecto abortado, chega a Tombstone e descobre a total subversão da moral da cidade que atravessou de passagem. "*What kind of town is this?*" pergunta no episódio inicial da barbearia. E a morte do irmão decide o antigo marshall de Dodge City a "endireitar" Tombstone.

O filme está inteiramente centrado na figura de Earp. Logo no início, enquanto ouvimos a lendária canção que dá título ao filme, Fonda surge-nos tão solidamente implantado na paisagem de Monument Valley, como as toscas estacas que indicam a sinalização das cidades mais próximas. Emerge do inconfundível plano geral, como um outro sinal: o do homem indissolúvelmente ligado à extensão e à luz daquela paisagem, cuidando do gado e protegendo os irmãos (a família). É nessa fortíssima imagem, que começamos também por ver o velho Clanton e os filhos. E, no campo/contra-campo da primeira conversa, ao entardecer, imediatamente está dada a oposição entre Earp e Clanton e as respectivas famílias. Há algo de muito inquietante nos rostos dos filhos de Clanton (parecem os "irmãos maus" das histórias para crianças), estatuto de que não participa Brennan, que, apesar de ser imediatamente captado como o mais perigoso, é ainda o inimigo que tem que ter a mesma dimensão de Earp. Os grandes ódios, como os grandes amores, não se compadecem com caricaturas ou amesquinhamentos. Por isso, das duas famílias, só ficaram no final Fonda, Brennan e o irmão do primeiro que escapa para poder matar o velho, coisa que Fonda jamais podia fazer: o seu ódio exige, pelo contrário, que Brennan sofra mais cem anos, depois de ver mortos todos os seus filhos.

Após a assombrosa sequência nocturna em que somos introduzidos a Tombstone, surge o episódio que determina a vingança de Fonda: a morte do irmão mais novo. Na oração fúnebre, Fonda fala do dia em que "*miúdos como ele possam viver livres e sem o risco de uma morte assim*". Para que esse dia aconteça, Fonda vai aceitar o lugar de xerife, opor-se e confundir-se com a destrozada gente da cidade (relação com Linda Darnell e Mature) mas fixar-se nos grandes momentos de

pureza: Clementine (cuja entrada no filme é um dos seus momentos mais belos), a paz duma manhã de Domingo com o perfume das flores do deserto (repare-se na composição do plano do xerife sentado na varanda) e, sobretudo, a sequência inultrapassavelmente fordiana da dança nesse Domingo, carregada do tempo de antes e do que sabemos irá acontecer depois. Mas nada o distrai do seu objectivo: ele o fará perseguir Mature nessa inesquecível cavalgada em que a arte de Ford atinge a sua máxima expressão, ele o fará escolher o nascer do dia do ajuste de contas (repare-se no modo como a iluminação vai dando, dentro de casa, a transição da noite ao dia, com gradações de luz controladas até ao mais rigoroso pormenor).

Mas, se o filme é um filme sobre Fonda, a sua *darling Clementine* e o seu odiado Clanton, nenhum dos outros personagens é abandonado ao esquematismo. Victor Mature, que tantos consideraram um "canastrão", é, como "Doc" Holliday, e, sobretudo por contraposição a Fonda, a criatura de dilacerações e da divisão, homem de muitas imagens frente à imagem una de Fonda. Linda Darnell, em breves apontamentos, é uma das grandes figuras de mulher da história do Oeste americano, tão mítica como os homens que a rodeiam. E as sua oposição a Clementine será tudo menos maniqueia ou simplista. E nenhum maniqueísmo ou simplismo, mas antes a densidade da suprema poesia, assiste aos múltiplos secundários, tão arquetípicos como renovados e originais: repare-se apenas no fabuloso personagem da não menos fabulosa sequência do "*To be or not to be*".

Não se acabaria se se quisessem enumerar todas as coisas belas deste belíssimo filme: chama-se apenas a atenção para o tratamento da banda sonora na sequência do duelo, quando o total silêncio só é quebrado (se o é) pelo ruído mínimo das esporas de Wyatt Earp, avançando para o momento final.

JOÃO BÉNARD DA COSTA

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico